

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

UMA DÉCADA DE TRABALHO CULTURAL

(Discurso proferido pelo presidente da Academia Matogrossense, desembargador José de Mesquita, na sessão comemorativa do dia da Pátria e do 10º aniversário da Academia.)

Cuiabá
Revista da Academia Mato-grossense de Letras
Ano XI — Tomos XXI e XXII
1943

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

UMA DÉCADA DE TRABALHO CULTURAL

Á dez anos, justos, nesta mesma hora e local, instalava-se, solenemente, com a presença das mais altas autoridades e das figuras mais representativas do *escol* cuiabano, a Academia Matogrossense de Letras. Ardia, pelo Brasil, a fogueira destruidora e sinistra da guerra civil, desencadeada, havia dois meses, nas terras bandeirantes. Um signo rubro, marcial, parece, destarte, haver predestinado esta sociedade de homens de letras e pensamento. Agora, a comemoração do seu 1º decênio vem nos encontrar em pleno estado de guerra. Quer assim Deus, para que, de forma impressionante, ressaia, no lúgubre *decor* de sangue e lágrimas, ao fragor babélico da luta e da chacina implacável que divide os homens, o valor imanente e eterno da Cultura.

A Cultura, meus Senhores, que abre, entre a escuridão ambiente, clareiras magníficas da Arte, do Sonho e da Beleza, é que permite ao homem do mais brutal e sangrento dos séculos que a terra já viu passar, crer e esperar na regeneração da humanidade, na Paz entre as nações de boa vontade e na alvorada redentora de um dia de liberdade e de justiça, em que o Direito deixe de falar pela boca dos canhões, nas rodas apocalípticas dos tanques de guerra, no granizo infernal das bombas incendiárias e na insídia dos torpedos saltando incautas naves sobre o dorso tranqüilo das águas marinhas...

A Cultura é que aqui nos congrega, nesta hora feliz e repousante, sentindo que, bem ao contrário do que pregam espíritos de visão unilateral e obtusa, é, justamente, em horas como esta, que o Homem mais precisa de Cultura, que maior se faz a necessidade de afirmar a supremacia do Espírito, o primado da Inteligência, a hegemonia da Alma sobre a matéria, da Espiritualidade sobre as forças rudes da violência e do ódio, da destruição e da carnificina.

Esse o papel das Academias, essa tarefa que nos assiste. Porque, senhores, nós, a quem a Providencia fadou a viver no mais belo dos séculos, das conquistas mais avantajadas do progresso — o rádio, o avião, a eletricidade, a televisão... — somos, também, os filhos da mais trágica época que já viveu o mundo. E assistimos estarecidos, essa cruel hecatombe, nascida do colapso do Direito, do desprezo das leis primárias de amor ao próximo, do cultivo sistematizado do ódio, da ambição, da força bruta erigindo-se em árbitro dos destinos humanos.

Mas confiamos ainda e esperamos. Sabemos que tudo isso passará e que, — para revocar um pensamento admirável, vasado em forma não menos impresiva

e oracular do grande apóstolo da Cultura e do Direito, que foi Rui Barbosa — nós sabemos que «a montanha dominará o pântano, a avalanche saneará o brejo» e que dias melhores estão reservados à humanidade, após esta tremenda provação por que permite Deus que ela passe, para resgate de tantos crimes e de tantas loucuras.

Deixemos, pois, que os ignaros e os ignavos deblaterem ou resmunguem, entre dentes, contra a Cultura e contra as Academias, desde que nós sabemos que não foi, decerto, do seio das sociedades culturais, ou das Universidades, nem mesmo do cérebro lúcido e raciocinante dos homens que pensam e cultuam a Arte e o Belo, que poderia jamais ter surgido essa hecatombe que por aí vai, levando o horror, o luto, o sangue e o pranto aos mais recônditos pontos do planeta. Assim clamavam e clamam os «espíritos práticos» contra a invasão dos bacharéis ou, melhor, dos doutores, o que fez dizer a alguém que si toda a gente no Brasil fosse bacharel — pelo menos não haveria a lepra do analfabetismo. Assim, si todas as nossas cidades tivessem uma Academia, um Grêmio literário — não haveria tanta alma fechada, tanto caráter comprimido, tanta estreiteza de visão e tanta incompreensão da Beleza e da Bondade... O homem seria outro. E a vida seria melhor.

A Academia, Senhores, surgiu da metamorfose do *Centro de Letras*, criado a 22 de maio de 1921, e que, em 11 anos, já vinha realizando um trabalho extraordinário pela Cultura nacional. Trabalho que a Academia continuou, continua e continuará. Há, entretanto, quem pergunte, de boa ou má fé, por simplicidade ou por aleivosidade — onde está o trabalho da Academia? É que esse trabalho, Senhores, como todo o verdadeiro trabalho de Cultura, não aparece nos cartazes, não se

apregôa pelos camelôs, não tem matinadas, barulho de cabotínicas ou matraqueios ruidosos. Ele é um labor tenaz e constante, que vem, obedecendo às leis naturais, construindo pelos fundamentos, ao envés de fazer obras de fachada, que nem sempre poderão primar pela solidez dos alicerces. É um esforço lento mas seguro, que não leva em mira impressionar ou aparecer. Ele, entretanto, fica. Ele aí está, aos olhos de quem o queira ver. São os 22 volumes da Revista do Centro e os 20 da Academia, abrangendo um período largo e fecundo de 20 anos, de sementeira espiritual. Esses 42 tomos, de uma continuidade jamais interrompida nem diminuída, representariam, si mais não houvesse, o maior e melhor ativo que a Academia poderia trazer num balanço a favor da Cultura, já não direi matogrossense, mas brasileira. São estudos, ensaios, poesias, ficção, crítica, bibliografia, folklore, história literária, toda a nossa evolução mental de dois séculos, compendiada em uma série de quasi 50 volumes de leitura variada, útil e interessante.

Além disso, tereis por lançados a crédito na conta da Academia os seus saraus de arte, com a apresentação dos melhores elementos do nosso meio — musicistas, ditrisés, cantoras, que tem, neste salão, em magníficas festas, o ensejo de exibirem seus altos predicados, apurando o gosto artístico de nossa gente. E as eruditas e belas conferências, nas quais já foram estudados vinte patronos, focalizando-se, à luz de formosos ensaios, homens, épocas e aspectos do nosso panorama intelectual. E as exposições de pintura, de imprensa e bibliografia, patrocinadas pela Academia. E as horas-literárias, com leitura de trabalhos dos acadêmicos. E o incentivo que a Academia vem dando a novas e promissoras vocações, nas suas *Páginas dos Novos*. Tudo isso, meus Senhores, acreditamos, sinceramente, que ignoram os que perguntam pelo que tem feito a Academia.

UMA DÉCADA DE TRABALHO CULTURAL

Não é este, claro está, um relatório, senão que ligeiro recensear do que tem feito a Academia durante essa primeira década de vida. A exposição regulamentar da nossa atuação durante o biênio findo, será oferecida, a seu tempo, na primeira sessão ordinária, em que se dará conta do que interessa à nossa economia interna.

Comemorando a data de hoje, tão significativa para o Brasil e para a Academia, temos a grata satisfação de dar posse à Diretoria reeleita, e de ouvir os discursos de elogios dos patronos Aquilino do Amaral e Caetano de Albuquerque, pelos acadêmicos Ovídio Corrêa e Severino de Queiroz, e lidos, respectivamente, pelos acadêmicos Philogonio Corrêa e Ulisses Cuiabano, ficando assim, preenchidas as cadeiras ns. 16 e 20, criadas ultimamente.

Maior não pode ser a nossa satisfação vendo, ao nosso lado, nesta hora de gratas expansões, os nossos queridos companheiros de ideal, do Instituto Histórico de Mato Grosso e dos Grêmios Julia Lopes, Álvares de Azevedo e D. Aquino Corrêa, dignamente representados o primeiro pelo nosso confrade Isác Póvoas, os outros pela distinta professora Carlinda Mercante, pelo jovem beletista Rubens de Mendonça e pelo Pe. Antonio Wasik, seu dedicado Diretor.

A eles, bem como às dignas Famílias, a todos que nos trouxeram a honra da sua presença, nosso sincero agradecimento, que deseja expressar de modo especial às gentis senhorinhas que aquiesceram em abrilhantar o nosso programa com a recitação de trabalhos matogrossenses.

E ao dar como aberta à sessão, só me resta, Senhores, invocar sobre a Academia, que ora penetra os

JOSÉ DE MESQUITA

umbrais de uma nova era, as melhores bênçãos de Deus, para que ela possa continuar correspondendo, de forma eficiente, à vossa confiança, trabalhando sempre mais pela Cultura, de cujo florescimento depende, mais que de outras circunstâncias, o engrandecimento de nossa Pátria, cujo natalício, como Nação livre, hoje comemoramos, entre verdadeiras efusões de amor, de fé, de entusiasmo e de civismo.

Continuemos, pois, a trabalhar, todos unidos, todos empenhados nessa tarefa commum de dar ao Brasil, pela Cultura, que só medra em países livres, o logar que cabe no concerto da Civilização.

Avante! Por um Brasil sempre maior e sempre melhor, livre, unido, culto e feliz!